

# MANUEL SAID ALI IDA

EVANILDO BECHARA

Professor de Português na Escola  
Técnica Nacional, Rio.

O dia 27 de maio de 1956 marcou o terceiro aniversário de morte do Prof. Said Ali.

As pesquisas de sintaxe e semântica fizeram-no o guia insuperável na matéria. Só o português Augusto Epifânio da Silva Dias pode a êle ser comparado. Porém a preocupação de Epifânio quase sempre se restringia no surpreender o fenômeno lingüístico, relacionando-o, não poucas vêzes, ao latim. Mestre Said Ali não parava no registro do fato. Seus olhos de lince, levados por incomparável erudição, iam pousar nas razões mais profundas de um giro. Suas leituras nas obras de Hermann Paul, Wundt, Bréal e outros levaram-no a não dissociar "do homem pensante e da sua psicologia as alterações por que passou a linguagem em tantos séculos. E' a psicologia elemento essencial e indispensável à investigação de pontos obscuros. As mesmas leis fonéticas seriam inexistentes sem os processos da memória e da analogia. Até o esquecimento, a memória negativa, é fator, e dos mais importantes, na evolução e progresso de qualquer idioma" (Lexeologia, III ed. de 1921). Já em 1908 acentuava: "ver-se-á que sigo traça diferente da orientação que julga encontrar no argumento do "magister dixit" a meta do raciocínio. Entendo que se deve ir mais longe: entrar pelo terreno psicológico, averiguar o que poderia ter ditado ao escritor ora êste, ora aquêlo modo de falar" (Dificuldades, IV).

A segurança do método permitiu que o Prof. Said Ali encarasse alguns problemas de nossa língua sob outro prisma e lhes desse solução que até hoje elegemos como definitiva. Assim, estudou, entre outros, o **que** interrogativo, colocação de pronomes átonos, emprêgo do infinitivo pessoal e impessoal, verbos diretivos, a transitividade verbal, **si** sem função de reflexivo.

Não lhe preocupava, como verdadeiro pesquisador das coisas da linguagem, o purismo exagerado e exclusivista, responsável por cerebrinas regrinhas que ainda hoje se repetem em compêndios de nossa matéria. Eis o seu testemunho em 1930: "O lingüista de hoje investiga os fatos sem preocupar-se com a questão do que é ou deixa de ser correto. Em geral procura seguir o mesmo rumo; mas as dúvidas dêsse gênero podem prender-se a questões de ordem mais elevada e aí encontrar solução. Outras vêzes, a documentação geralmente respeitada em que fundo os estudos dará a solução incidentalmente. Acima do modo, antigo e exclusivista, de ver as coisas, está a indagação histórica. E a

investigação da evolução dos fenômenos não se há de limitar às mudanças de fonemas e formas gramaticais, mas estender-se às expressões que com o tempo se foram trocando por outras. Entra-se no domínio da psicologia e da semântica” (Meios, 5-6).

Da pureza do idioma aos clássicos se chega num abrir e fechar de olhos. Antes, porém, permitamos que o mestre nos conceitue o termo “clássico”: “Também não se apurou ainda o que se deva entender pelo termo “Clássico”. A julgar pela aplicação habitual, parece que se visa tão somente a feição linguística das obras publicadas desde o século XVI, mas não se marca o limite terminal desse período. Daí a noção confusa de que há de ser clássica a linguagem antiga de todos os nossos antepassados desde aquêl tempo, linguagem de portugueses mortos, e que já não vem tão espontânea aos vivos do século atual. Dos escritores falecidos nestes últimos cinquenta anos, raríssimos — creio que não chegam a meia dúzia — conseguiram ainda em vida ser contemplados entre os clássicos, uns pela linguagem notoriamente conservadora, outros por exibirem grande soma de expressões fora do comum e aparentemente antigas ou tomadas ao falar do povo de Portugal, que é tido como repositório fidedigno de velharias. Apesar dessas considerações, o observador desprevenido não percebe como pôde haver menos escrúpulo quanto à seleção de escritores remotos e, por outra parte, como vieram figurar na mesma categoria Vieira e Camilo Castelo Branco, Camões e Filinto Elísio. Seria mais conveniente talvez reservar a denominação rigorosa de clássicos para os escritores de mentalidade possante que Portugal teve no século XVI e ainda no século XVII, representantes da sua renascença literária e fundadores da moderna linguagem culta. A êste período esplêndido sucedeu outro, tristemente notável pela vazante intelectual, em que os escritores supriam a falta de idéias com palavras sonoras e estilo decorativo. Era o gosto barroco que se seguia ao da renascença. Poderíamos qualificá-los de pós-clássicos. E seriam neoclássicos aquêles autores de valia mais modernos que de novo se aproximam da língua e estilo da renascença” (conferência em 1914 — in *Dificuldades* 2, 323-4).

A pureza da língua dos escritores clássicos mereceu as seguintes considerações que faziam arrear os cabelos aos puristas e gramáticos da velha guarda: “Em alguns dos capítulos consagrados às aquisições novas, mostro que não há razão para se julgar tão absoluta, como alguns apregoam, a pureza da língua dos escritores chamados clássicos. O escasso conhecimento do idioma falado para lá dos Pirineus não deixou penetrar muitos galicismos na Península; mas vieram sempre alguns que se juntaram aos já existentes arabismos, e vieram castelhanismos e italianismos. O denominado ouro de lei era, já muito antes dos tempos modernos, uma liga, pôsto que nela brilhasse com grande vantagem o quinhão herdado do latim. Por alguns casos muito característicos, se vê a facilidade com que se adotariam estrangeirismos, desde que se oferecesse a oportunidade; mas o poliglotismo de outrora mal passava dos idiomas latim, português e espanhol” (Meios, 6).

No prefácio da primeira edição das **Dificuldades** já lembrava: “Nem a assinatura do autor de um trecho — ou a do gramático — é o bastante para le-

gitimar a defesa ou condenação de doutrinas controversas, nem as passagens que citamos, podem ser encaradas sistematicamente como entidades independentes do contexto”.

Todavia, numa conferência realizada na Biblioteca Nacional, em 1914, sobre **O purismo e o progresso da língua portuguesa**, desenvolve o assunto com a segurança costumeira. Permita-nos o leitor a transcrição que, com ser extensa, é lição de primeira ordem: “Língua viva imutável, língua que, chegada a um tipo de perfeição modelar, cesse de modificar-se e absorver elementos estranhos ao seu passado, é coisa que não há nem nunca houve. A linguagem é a expressão da nossa inteligência. E a inteligência humana não se petrifica; pode volver olhar saudoso para a sabedoria de alguma era remota: porém esta, com todo o seu esplendor, não lhe produz desmaio, nem a paralisa. Se tal calamidade houvesse, o intelecto se atrofiaria e da maior parte das línguas modernas já não restariam mais que ruínas. Quem faz o estudo histórico de uma língua literária como o português, vê coisa bem diferente. Cotejando por ordem cronológica, e sem preocupação de pureza ou perfeição, os textos mais notáveis desde o período arcaico até o presente, e considerando o idioma de cada época em seu conjunto, a impressão que nos fica é como se tivéssemos diante de nós, fotografias de um indivíduo tiradas aos quinze, aos vinte, aos trinta, aos quarenta anos. Compravamo-nos em confrontar essas figuras tão dissemelhantes, do mesmo personagem. Assim muda de aspecto qualquer língua literária, segundo a fase em que a contemplamos. Sempre a mesma e sempre outra. Há diferença contudo entre a linguagem e o homem: nos últimos retratos destes descobriremos rugas e cãs, ao passo que a decrepitude daquela só a concebe a pura fantasia; a vida humana sabemos que tem limites, um número máximo de anos, além do qual não passará; mas para a língua de um povo que vive sem ser absorvido por outro, é impossível imaginar balizas. A evolução, por felicidade um tanto lenta, permite formularem-se as regras da elocução correta e do uso que prevalece entre a gente educada, durante um espaço de tempo mais ou menos longo. Escritores que se prezam não afrontam êsse uso; não se animam a buscar, na variabilidade da linguagem, salvo-conduto para se exprimirem ao som de caprichos pessoais. Curvam-se, como convém, ante a prática geral dos seus contemporâneos, ao menos em tudo quanto se houver conservado fiel à tradição. Têm por dever resistir à tentação de adotar dizeres novos ou estrangeiros de que outros se sirvam só para condescender com a moda, quando é certo subsistir para todo o mundo a consciência de expressões vernáculas de sentido perfeitamente idêntico. Não descerão, tampouco, a utilizar-se de termos e frases plebéias que não são recebidas em boa sociedade, e evitarão, se preferirem ser entendidos a ser admirados, o emprêgo de arcaísmos e o acúmulo de vocábulos cujo sentido, por ocorrerem raramente, seja ininteligível à maioria dos leitores. Para escrever corretamente e com elegância é preciso, além do mais, possuir o sentimento da língua e talento. A leitura, meditada e assídua, de obras modelares contribuirá para formar o hábito da expressão polida e educará o estilo. O purismo encara a questão de outro modo. Não pesa devidamente os resultados do progresso e, infenso, por princípio, a

inovações, procura, na suposta pureza do português de outros tempos, valores que as desalojem e substituam. Mas a lista das inovações e termos de procedência estrangeira que circulam incontestados, designando conceitos novos, é extraordinariamente longa; e o purismo, entretanto, contra sua própria doutrina, é indulgente com essa produção, a seu ver parasitária, porque sabe quanto seria anacrônico ir buscar equivalências em ouro puro no gabado tesouro antigo” (*Dificuldades* 2, 320-2).

A obra científica do prof. Said Ali é a única, entre os filólogos e lingüistas brasileiros de todos os tempos, que guarda certa unidade de trabalho histórico. Passou a vida estudando historicamente os fatos da língua portuguesa e destas pesquisas saíram grande parte das **Dificuldades** e dos **Meios de Expressão** e, totalmente, a **Lexeologia e Sintaxe do Português Histórico**.

Esta continuidade, esta persistência, esta preocupação permanente não preside, embora transpareça, à obra de um Mário Barreto, de um João Ribeiro, de um Pacheco da Silva Júnior, para falarmos apenas, entre os mortos, nos mais imbuídos no movimento renovador iniciado depois da primeira metade do século XIX.

Suas leituras não se limitaram, portanto, aos escritores chamados clássicos de 1500 para cá, especialmente certos quinhentistas e seiscentistas, cânon dos puristas hodiernos. No prefácio à 2.<sup>o</sup> edição das **Dificuldades** lembra: “Levei sempre em conta, nas diversas questões de que me ocupei, o elemento psicológico como fator importantíssimo das alterações de linguagem e, inquirida a persistência ou instabilidade dos fatos lingüísticos, tomei para campo de pesquisas não somente o português do período literário que se estende de João de Barros a Manuel Bernardes, mas ainda o falar medieval. Pude assim colhêr resultados que dão regular idéia da evolução do idioma português desde a sua existência até o momento presente, de onde se vê a razão de certas dições duplas, coexistentes ora e ora sucessivas, fontes, muitas vêzes de renhidas e fúteis controvérsias. Nesses fatos encontraria F. de Saussure, creio eu, matéria bastante com que reforçar as suas luminosas apreciações sôbre lingüística sincrônica e lingüística diacrônica” (VI2).

Tal orientação daria pouca oportunidade aos escritores brasileiros, omissão de que se defende o mestre em carta ao prof. Sousa da Silveira, quando a êste emitia juízo sôbre as **Lições de Português**: “Aplaudo, e muito, o citar trechos de autores brasileiros, autores a que os gramáticos da antiga escola negavam o direito de votar. Eu pessoalmente não há dúvida que pouco os tenho citado em meus trabalhos; mas é claro que estudando, como estudo, os fatos historicamente, se não tratei desenvolvidamente do falar brasileiro, é que ainda não cheguei a esta fase mais moderna da linguagem”.

A assiduidade com que manuseava os documentos do idioma, desde sua origem, através da fase medieval, até o período de fixação, isto é, séculos XVIII e XIX, deu ao prof. Said Ali o poder de traçar profundamente uma **História Resumida da Língua Portuguesa** que aparece na Introdução da **Gramática Histórica**. Aí lembra os principais nomes que laurearam as diversas épocas e ressalta ti-

guras até então obscurecidas, nos meios de estudos de linguagem, pelo prestígio de Luís de Camões.

E' geralmente aceita entre os estudiosos de língua portugueza a divisão proposta pelo notável português Prof. José Leite de Vasconcelos para as fases históricas do idioma: "Distinguiremos, pois, os seguintes períodos do português: 1) **arcaico** ou **antigo**, do séc. IX, e mais particularmente do séc. XII, aos meados do séc. XVI; 2) **moderno**, do séc. XVI ao séc. XX. Nestas duas classes há ainda subdivisões" (Lições 2,16).

Já lembramos (Primeiros ensaios, 1954, 134-5) que, embora mais de uma vez prometida, nunca saiu a indicação de tais subdivisões.

Epifânio Dias, levado pelo rigor da **Sintaxe histórica**, dividiu o nosso idioma em três fases: **português arcaico**, **português arcaico-médio** e **português moderno**. A proposta de Epifânio foi objeto de um estudo nosso (Primeiros ensaios, 133-146), o que nos isenta de maiores referências.

Mestre Said Ali, no prefácio à **Lexeologia**, logrou melhor divisão, injustamente pouco aproveitada: "Distingo no português histórico dois períodos principais: o português antigo, que se escreveu até os primeiros anos do século XVI, e o português moderno. A esta segunda fase pertencem já a *Crônica de Clarimundo* (1520), de João de Barros, as obras de Sá de Miranda, escritas entre 1526 e 1558, as de Antônio Ferreira, a *crônica de Palmeirim de Inglaterra* e outros trabalhos literários produzidos por meados do século. Robustecida e enriquecida de expressões novas, a linguagem usada nas crônicas desta época, que relatam os descobrimentos em África e Ásia e os feitos das armas lusitanas no Oriente, culmina o apuro e gosto do português moderno nos *Lusíadas* (1572). E' o século da Renascença literária, e tudo quanto ao depois se escreve é a continuação da linguagem desse período. Não ficou, nem podia ficar, estacionário o português moderno; e assim temos de designar pelos qualificativos quinhentista, seiscentista, setecentista a linguagem própria das respectivas eras. Reservo a denominação de português hodierno para as mudanças características do falar atual criadas ou fixadas recentemente, ou recebidas do século XIX, ou que porventura remontam ao século XVIII. Limites entre os diversos períodos não podem ser traçados com rigor. Alterações lingüísticas não dependem do calendário, nem do ano em que o século acaba ou começa. Além disso, autores há cuja atividade literária se exerce, parte num século, parte no imediato. O que devemos entender por linguagem quinhentista, seiscentista etc., é a maneira de falar dominante em grande parte da respectiva era, ou nela principalmente. Dizeres peculiares a qualquer das épocas continuam muitas vezes a ser usados por alguns dos escritores do período seguinte" (Lexeologia, IV).

A **Lexeologia** e a **Sintaxe** históricas do Prof. Said Ali devem causar estranheza a certos leitores de trabalhos congêneres pela omissão do latim. As referências, realmente, são escassas em livro de tal natureza e encontram explicação em mais de um ponto.

Já naquela conferência de 1914 acentuava, com Meyer-Lübke, que a

“sintaxe das línguas românicas em muitos pontos se aproxima do alemão moderno ou do grego moderno mais do que do latim antigo” (Dificuldades 2,294) \* E, em se tratando de um compêndio escolar, onde havia muito que dizer do português, o espaço destinado ao latim seria mais bem aproveitado.

Capistrano de Abreu, que convidou o Prof. Said Ali por ser a única pessoa capaz para escrever as gramáticas portuguesas de que os Srs. Weiszflog Irmãos tanto necessitavam, é testemunha ocular de todos os passos da **Lexeologia** e da **Sintaxe**. Apontamos o ano de 1919 para a época deste convite. Baseamo-nos em duas passagens da correspondência de Capistrano a João Lúcio de Azevedo:

“Muito agradeço o exemplar da **Crônica Franciscana**. Chegou em momento oportuno. Said Ali resolveu-se a redigir a gramática e terá bastante material agora. Envie-i-lha imediatamente” (5/6-4-1919 Corresp. II, 121).

“Recebi sua carta de 25 do passado com o **Livro de Montaria**. Vou passá-lo a Said Ali, que, como disse, anda às voltas com a gramática histórica (sic). Tem muito material, é muito metódico, conhece regularmente árabe, está a par dos trabalhos modernos. Sua documentação é inferior à de Epifânio, mas este parou em Madvig” (12-6-1919. Corresp. II, 131).

Leiamos Capistrano quanto à ausência do latim: “Said Ali mandou datilografar a gramática, um processo que já lhe recomendei e que, se V. experimentar, há de reconhecer vantajossíssimo. Com largas margens, pode fazer tôdas as correções e adiantar o trabalho tipográfico. O editor mandou-me duas cópias: uma para ficar, outra para ser devolvida. Li as primeiras 150 páginas. que concluem quase o verbo: falta concluir este assunto e o do advérbio; preposição e conjunção ainda estão intactas. Na sintaxe pegará, apenas termine a primeira. Duvido que esteja tudo impresso em março, como êle deseja. Na **Gramática** êle considera a língua como formada; não se perde em demonstrar a transformação do latim em português, e assim ganha espaço para outras matérias” (6-10-1920. Corresp. II, 177).

A **Sintaxe** de Epifânio, publicada póstumamente em 1918, era trabalho excelente, mas que seguia traça diversa das pesquisas que o Prof. Said Ali vinha realizando. O livro do mestre português foi recebido entre nós com alvôrgo. Eis o testemunho de Capistrano: “Li por acaso que Epifânio Dias morreu e deixou impressa a **Sintaxe Histórica**. Já a procurei pelas livrarias; Jacinto espera caixa do Teixeira; já pedi que me reservasse um exemplar se viesse. Said Ali estuda há anos o assunto, está bem documentado e não larga um objeto sem ter idéias bem claras. Não creio, porém, que apareça antes de dois ou três anos” (9-3-1918. Corresp. II, 85).

José Joaquim Nunes, que escreveu em 1919 o **Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa**, também não desistiu de pensar numa **Sintaxe** — que, infelizmente, nunca veio —, apesar do trabalho de Epifânio.

O aparecimento desse **Compêndio** longe de desviar o Prof. Said Ali da sua gramática, mais animou a publicação do trabalho.

A **Lexeologia** e a **Sintaxe** estavam programadas para o mesmo tempo, cons-

---

\*) A Einführung fala de moderno alto alemão: “neuhochdeutschen” (pág. 10, 3.<sup>a</sup> ed.)

tituindo a **Gramática Histórica**. Neste aspecto unitário o trabalho do Prof. Said Ali levava enorme vantagem aos de Epifânio e Nunes. Este plano primitivo não se acha explicado no prólogo da *Lexeologia*, como seria de esperar; mas se surpreende na correspondência de Capistrano. A **Gramática Histórica** não veio completa por um motivo: a urgência para que o trabalho concorresse ao Prêmio Francisco Alves da Academia Brasileira de Letras.

A ida às fontes para buscar a solução de problemas de linguagem permitiu que o prof. Said Ali corroborasse muitos pontos já por outros tratados e visse, outrossim, o erro de muitas hipóteses que nunca foram demonstradas. Confessamos no prólogo da *Lexeologia*: "Sem a menor preocupação de descobrir novidades ou tratar questões lingüísticas melhor do que outros o haviam feito, não podia contudo deixar de ir diretamente às fontes buscar a solução dos problemas, porque a isto me obrigava a natureza do trabalho. Averiguei que certas teses sabidas em parte se confirmavam, em parte porém se tornavam insustentáveis. Além disso, o estudo comparado do ponto de vista evolutivo veio revelando, com grande surpresa minha, fatos lingüísticos cuja existência a princípio nem supeitava" (III). E mais adiante: "Elucidados estes pontos, cumpra acrescentar que escrevi este livro com o intuito de expor somente as conclusões a que chegara depois de ler e cotejar muitos e diferentes textos. Citei provas e exemplos. Não tomei compromisso de disreterar com assuntos interessantes e questões obscuras para cuja solução não encontrei elementos bastantes no passado do idioma, ou na comparação deste com outros. Prefiro deixar por ora tais casos em silêncio" (V-VI).

Capistrano, a quem o Prof. Said Ali sempre mostrou gratidão e amizade — "não lhe bastando pôr à minha disposição os tesouros de sua biblioteca, auxiliou-me ainda na penosa tarefa de rever provas, sugerindo-me o seu saber opulento proveitosos acréscimos e modificações" (*Lexeologia*, VI) — relatava aos amigos o andamento e o mérito da **Gramática Histórica**.

A Mário de Alencar, em carta de 30-3-1920, faz alusão ao documentário do livro futuro do Prof. Said Ali, mantendo uma opinião que já expressara a João Lúcio: documentação inferior à de Epifânio: "Leu no *Jornal do Brasil* o artigo de Said Ali sobre **proposital e propositado?** A **Gramática Histórica** vai desta vez e ele espera tê-la terminada no fim do ano. A sua documentação poderia ser mais completa, mas vamos ter coisa muito valiosa, que será para a gramática o que durante muito tempo foi o *Dic. de Moraes*" (*Corresp.* I, 253).

Pessoas que não privaram com o mestre Said Ali fazem-no passar por pedante e orgulhoso intratável. Não tiveram esses a felicidade de conhecê-lo. Espírito pouco afeito a conversas, sabia, entretanto, ser excelente amigo. Sua modéstia era capaz de irritar-se com públicas demonstrações. Tal modéstia nem sempre tem sido certamente interpretada. Nos problemas de linguagem que oferecem dúvida, reunia muito material antes de dar sua opinião; mas não se preocupava em que fôsse ela adotada pelos outros estudiosos. Era o mestre como dizia Capistrano: estudioso por gosto, e não para sair de palmatória à mão. Este alheamento também tem aumentado a fama de orgulhoso que ao Prof. Said Ali com justiça lhe não cabe.

Na defesa de suas idéias, muitas vèzes não escondia os reais méritos de teorias alheias. Assim, nas **Dificuldades** insurge-se contra o proceder de Ruy na **Réplica**, contra Soares Barbosa e Cândido de Figueiredo:

“O autor da **Réplica** não admite a opinião do filólogo alemão. Discordamos também nós. Mas daí a atribuir a Diez e a Júlio Ribeiro, que lhe encampa a teoria, coisa que nem um nem outro jamais pensou, vai uma distância enorme. Substituir um pensamento por outro, deceptar períodos de modo a viciá-lhes o sentido, não me parece recurso digno de quem deseja mostrar a superioridade da sua opinião. Para que se veja o próprio mérito será preciso que ao pé de mim, que em tôrno de minha pessoa só existam nulidades? Será generoso de minha parte colocar injustamente na sombra o meu adversário para que só resplandeça a luz do meu saber? E no entanto dir-se-ia estarmos presenciando um espetáculo dêsse gênero em um dos capítulos da alentada **Réplica**” (2.<sup>a</sup> ed. 117-118). “Soares Barbosa é incongruente: não sabe o que faz, nem o que diz” (ibid. 109). “O Sr. Cândido de Figueiredo não é filólogo; escreve por palpite, e não lê autores senão por alto” (ibid. 101).

Serão poucas, em tôda a produção do Prof. Said Ali, as passagens ásperas como estas. Os trabalhos primam pela segurança de doutrina e elevação de linguagem. Vários de seus últimos estudos nasceram de críticas a doutrinas correntes, mas que de cuidados não tinha em esconder o criticado!

O receio à propaganda pessoal privava o mestre de escrever prefácios; era um gênero de literatura que se não casava bem com os costumes do autor das **Dificuldades**. Mas de um que lhe bateu à porta à cata de prefácio ouviu do empregado: O patrão mandou dizer que não estava! Talvez a única exceção sejam as páginas que escreveu a pedido da Laemmert, como **Juízo Crítico à Sintaxe da Língua Portuguesa** (Rio, 1898) de Leopoldo da Silva Pereira. O **Juízo** é uma página de meditação sôbre os processos de ensino da língua materna, afogada e sufocada pelo eruditismo inoportuno, no prefácio à 10.<sup>a</sup> edição de sua **Gramática da Língua Latina** (Paris-Gand, 1875) J. Gantrelle também apontava os defeitos de tal orientação (pág. III). Na 2.<sup>a</sup> edição da **Sintaxe** só saiu a parte final do **Juízo Crítico**, talvez para não aumentar as proporções do voluminho. No prólogo à **Gramática Elementar** ainda reclama da praxe de ensinar às crianças elementos de gramática.

Antes de documentarmos a modéstia do Prof. Said Ali, caracterizemos o amigo Said Ali com uma anedota verídica. Certo amigo de Capistrano, junto ao historiador, bendizia a vida. Possuía bens que lhe garantiam tranqüilidade invejável, tinha um lar harmonioso, enfim, era um homem feliz. Capistrano então lhe indagou: — Conhece o Said Ali? E a resposta se fez acompanhar: — Então você ainda não é um homem feliz!

Se quisermos desprezar numerosos trechos de seus estudos, onde a vaidade não encontra guarida, os seguintes lanços de uma carta de Capistrano ao autor da **História de Antonio Vieira** são decisivos: “Said mandou exemplares (da **Lexeologia**) para D. Carolina, Leite de Vasconcelos e Nunes). Mandará também para José M. Rodrigues. Não sei se algum jornal já escreveu algo sôbre a **Lexicologia** (sic). Se o editor não tiver feito a remessa, Said não a fará com certeza, por-



que é indiferente a estas cousas. O livro irá devagar, mas não de ver que não é dos que se comparam, sim dos que se separam. Mário, um dos juizes do concurso, disse-me, impressionado, que está estudando e aprendendo. A sintaxe está na forja. Said tomou uma secretária: disse-me que a respeito de concordância há uma porção de problemas intactos. A falta de índice é lastimável mas, como no alto das páginas lê-se a indicação do assunto, em parte sana-se o inconveniente” (19-5-1921. Corresp. II, 212).

O **Mário** e o **concurso** do trecho acima são o Mário de Alencar e o concurso Francisco Alves da Academia. A **Lexeologia** conquistou o primeiro prêmio em dezembro de 1921. Os concorrentes foram, além do Prof. Said Ali, Carlos Góis e Assis Cintra.

A **Sintaxe** sairia quase dois anos depois da **Lexiologia**, seguidas da **Gramática Secundária** e da **Elementar**: “Epifânio Dias creio que não passou de Madvig. Said Ali conhece as últimas publicações, e deve contar muitas novidades e causar surpresa. Mestre Ruy talvez aprenda que não basta saber o que é correto. Agora êle tem de pegar na **Gramática Secundária**, depois na **Gramática Elementar**” (Corresp. II, 245).

O valor da Sintaxe de Epifânio e a superioridade do mestre Said Ali são referências freqüentes na **Correspondência** de Capistrano.

Ainda em 1927 (17 de janeiro) falava Capistrano num livro de monografias que seria, é nossa opinião, mais tarde batizado por **Meios de expressão e alterações semânticas**: Êste pois leva-me a outro rumo. “Dia de Reis fui a Petrópolis almoçar com Said Ali. . . estava trabalhando a tôda fôrça num livro que, segundo parece, constará de monografias e será apresentado ao Concurso da Academia. Ocupa-se agora com a partícula **pois**, a mais difícil de tôdas, disse-me, para a qual não achou ainda furo” (Ibid. II, 372).

Ouvimos ao prof. Antenor Nascentes que tinha aprendido a fazer fichas com o Prof. Said Ali. Realmente, o mestre possuía um fichário que nos dava um belo exemplo por imitar. Anotava, anos a fio, tudo o que de interessante achava durante suas leituras, apondo, muitas vêzes, observações, aproveitadas, em parte, na **Lexeologia** e na **Sintaxe**. No final da vida o tempo e as tristezas nos privaram de um fichário que poderia ser comparado ao que, para o latim, organizaram Neue e Wagener no **Formenlehre der Lateinischen Sprache**. O tempo, porque o esmaecimento da escrita prejudica a leitura de numerosos trechos. As tristezas, porque, depois da morte de sua espôsa, afogava a dor na faina de destruir as preciosas fichas. Como se o desaparecimento de suas filhas diletas abreviasse também a sua existência. Os amigos e parentes conseguiram salvar o suficiente para dar amostra do trabalho infatigável, consciencioso e erudito do prof. Said Ali. A Capistrano não passou despercebido o trabalho de anotações do mestre:

“Causou-me sempre repugnância a idéia de reeditar artigos de jornais. Nos papéis do Paz encontrei alguns de que não possuía exemplar, porque não tenho jeito de guardar cousa alguma. Dizia-me um amigo da Bib. Nac.: para que V. há de ser bêsta, gastar o tempo em tomar notas, para depois perder?”

Disse a pura verdade, e como invejo meus amigos Vale Cabral e Saïd Ali!" (Corresp. II, 168).

A par de uma originalidade de método, nota-se, nos livros do Prof. Saïd Ali, uma acentuada tendência a conservar, dentro do rigor científico, a nomenclatura gramatical tradicionalmente empregada. Nunca o enfeitçaram nomes pomposos e os que inaugurou entre nós já corriam nos trabalhos estrangeiros, mor-

No prólogo da **Lexeologia** avisa-nos que apenas preferiu a denominação alternância vocálica àmetafonia e apofonia: "Em pontos de nomenclatura evitei em geral o recurso de inovações desnecessárias. Preferi a denominação mais vaga de alternância vocálica a metafonia e apofonia por me parecer que êstes têrmos, segundo os encontro definidos, não exprimem com rigôr a natureza da alteração fonética. Um ou outro têrmo novo que empreguei se impunha para designar fatos que ainda não haviam sido definidos ou se estudavam por aspecto diferente" (IV).

Nas **Dificuldades**, além de auxiliares acurativos e sensitivos, propõe com Withney, Vernalecken e outros gramáticos, os auxiliares modais e causativos (pág. 89 e segs. da 2.<sup>o</sup> ed.). Na **Formação de palavras**, com Meyer-Lübke. Nyrop e outros, apresenta sob diferente conceito **derivação** e **composição** (pág. 2).

Esta despreocupação de coisas novas está patente nas questões ortográficas tratadas pelo mestre. Uniformizava, contra os princípios de fonética histórica, os finais de verbos **-isar** e **-izar**, conforme tendência do século XIX.

No difficilimo problema da grafia dos nomes próprios geográficos (**Dificuldades**, 2.<sup>o</sup> ed., 243-287), assim comenta a pretensão do aportuguesamento: "A nomenclatura geográfica é um problema, não há dúvida, mas o remédio lembrado por G. Viana, e por outros, se algum efeito pudesse produzir, seria o de uma gôta de azeite sôbre as ondas revôltas do Oceano. Se me enumerarem dezenas ou centenas de nomes "portuguêses" substituíveis aos "estrangeiros" atualmente em voga, direi que a feição dos compêndios de geografia não ficaria mais portugêsa, ainda quando se dobrasse ou centuplicasse o número" (pág. 248). E adiante lembra: "Mesmo pondo de parte êsses casos de devoção comprometedoramente exagerada, seria preciso têrmos a plena certeza de ser impecável todo o aportuguesamento dos nossos antepassados, antes de aceitarmos sem protesto as conclusões dêsse romantismo lingüístico demolidor de tudo o que hoje se ergue sôbre as ruínas das criações antigas. Mas a análise dos fatos não nos permite estabelecer semelhante preliminar. Em matéria de nomes próprios errava-se outrora não menos do que hoje. Dúvidas, hesitações e traduções mal feitas havia-as como em nossos tempos, senão piores e mais numerosas" (pág. 254).

Sua opinião abundava nesta reflexão expressa no Congresso de Geógrafos de 1893: "As relações sempre crescentes e o intercâmbio intelectual entre as nações obrigam-nos a considerar os nomes geográficos, não já como fazendo parte da língua da pessoa que fala ou escreve, mas como propriedade internacional da humanidade. A sua escrita e pronúncia, excetuadas algumas poucas formas tradicionais, não mais devem oscilar de nação para nação, mas fixar-se pelo menos em sua forma principal ainda quando formas secundárias em muitos

casos continuem a existir" (Köppen, Die Schreibung geographischer Namen. Dificuldades, 266).

No **Vocabulário Ortográfico** (Laemmert, 1905) não é outra sua lição: "A semelhança do que sucede nos sistemas ortográficos de outras línguas, inclusive os mais aperfeiçoados (v. g. o italiano e o espanhol), escapam aos nossos preceitos de escrever corretamente bom número de nomes exóticos, principalmente substantivos próprios de pessoas e lugares: os de pessoa (como Schiller, Shakespeare, Rousseau) ficariam singularmente estropiados; os de lugares não mais podíamos encontrar nos mapas, se a todos déssemos feição nova e quase sempre arbitrária" (VII).

Capistrano de Abreu, geógrafo e lingüista, não poderia divergir de seu amigo em tal orientação. Esta passagem de uma carta a João Lúcio (24-12-1917; é importante: "Apreciava muito o Viana: mas na questão de nomes geográficos, numa terra que não tem geografia, salvo uma ou outra observação justa, lembrava-me a rã a ombrear com o boi" (Corresp. II, 80).

A ortografia do Prof. Said Ali era a tradicional, aprendida na escola e se guida pela maioria das pessoas cultas de seu tempo. A conciliação com os princípios da fonética histórica estava subordinada à obediência a hábitos de anos. Aliás a observação mais rudimentar nos leva a verificar que os sistemas ortográficos pretendem representar o espelho da pronúncia da palavra. O romantismo lingüístico agrega a este ideal certa preocupação erudita revelada no amor à etimologia. Quando tal preocupação se esquece da maioria dos mortais e se dirige quase exclusivamente a acadêmicos e especialistas, pode prometer-nos a luz, mas presentear-nos com o caos. Numa passagem da **Correspondência** de Capistrano de Abreu (II,72), há uma anedota que convém seja lembrada: "Não é uma inteligência superior (Ramiz Galvão); sua biografia de Fr. Camilo é um bom livro, sem ser notável; um dicionário de termos gregos não me parece que valha grande coisa: seus discursos no Instituto parecem-me de outras eras; sua ortografia é um quebra-cabeças. Lembra-me que, uma vez, lendo **ermão** nos **Anais da B. Nac.**, pensei no aumentativo de êrmo, pensei em ermitão, e só depois vi que era irmão. Com êle rivalizava Teixeira de Melo, chefe da Seção de Manuscritos: êste escrevia **haghora e embhora**" (25-9-1917).

Se a grafia pretende ser o espelho da pronúncia, é desaconselhável a lição que manda empregar consoantes surdas para fins a que a prática quotidiana não está acostumada. Escrever **director** com **c** para mostrar que o **e** possui timbre aberto (**dirêtor** e não **dirêtor**), ao lado de **vela** (sem **e** nenhum e com timbre aberto); escrever **caracter** por coerência com **caracteres** são caprichos que nos podem levar a erros de pronúncia. São faróis apagados a serviço dos navegantes em noite escura e mar agitado.

A ortografia tem sido, nestes últimos tempos, o assunto predileto de muitas discussões. As opiniões dos técnicos variam entre os sistemas ortográficos de 1943 e 1945. A conciliação achámo-la impossível pelas próprias bases em que tais sistemas se fundamentam: etimologia e pronúncia. A etimologia, quando é adotada inteligentemente, pode ser recebida de braços abertos por gregos e troianos: **ombro** sem **h** radica-se com certa facilidade em qualquer

parte do mundo. Mas a pronúncia? O progresso científico já demonstrou à saciedade a existência de uma fonética lusitana e de uma fonética brasileira. Estudaram-se já alguns reflexos desta dualidade na estruturação da frase, nos termos da oração. O Prof. Said Ali mostrou-nos que o problema de colocação de pronomes átonos é fenômeno de fonética, e não de sintaxe. E agora se querem nivelar sistemas onde esta dualidade fonética atua mais soberanamente, na ortografia? O bom senso leva-nos a não prosseguir na empresa, fadada a morrer no nascedouro. A não ser que gregos e troianos façam concessões... Porém uma escolha se faz mister, levada por um conceito abusivo de **unidade lingüística**. A unidade lingüística não pressupõe nem exige, a nosso ver, unidade ortográfica. Sistemas gráficos não implicam existência de línguas diferentes. Se persiste unidade lingüística com a coexistência de um **estilo** lusitano e um **estilo** brasileiro, não menos persistirá unidade lingüística com a coexistência de uma ortografia lusitana e uma ortografia brasileira.

Ainda se está por estabelecer a série de princípios científicos em que se alicerça a chamada **unidade lingüística**; porém desde já se conclui que não será a fonética o fator preponderante, a viga mestra dessa unidade.

Os portugueses têm tanto direito a um sistema ortográfico que atenda a seus hábitos tradicionais de pronúncia, como o têm os brasileiros. Um sistema único, com prejuízos e atentados a uma das partes, sobre ser anticientífico, não terá probabilidade de aceitação geral.

O critério adotado pelo Professor Said Ali em pontos de ortografia nos leva a duas questões interessantes. A primeira diz respeito ao termo grego **dêictico** aplicado ao demonstrativo que indica "a situação de pessoas ou coisas e o momento da ação em relação à pessoa que fala, em oposição ao demonstrativo **anafórico** que se refere às nossas próprias palavras, ao que acabamos de enunciar, como ao que vamos ainda enunciar" (*Lexeologia*, 2.<sup>o</sup> ed., 107).

Em nota de rodapé, à página citada, esclarece os vocábulos, por constituírem novidades na nomenclatura gramatical corrente entre nós em 1921: "**Dêictico** e **anafórico** são termos tirados do grego e usados na lingüística moderna".

Com o inteligente e preparado Prof. Cândido Jucá (filho) in *As Categorias Gramaticais* (Rio, 1953, pág. 36), temos que a inovação do Prof. Said Ali é devida a Brugmann. O termo, porém, parece que foi empregado pela primeira vez, na lingüística moderna, pelo celtista alemão Ernesto Windisch (1844-1922), em trabalho saído em 1869, apoiado na lição do gramático Apolônio (cf. Wackernagel, *Vorlesungen über Syntax*, II, 2.<sup>o</sup> ed., pág. 84 e ss.).

O termo **dêictico**, alemão **deiktisch**, passou à nomenclatura lingüística de outros idiomas: inglês **deictic**, francês **déictique**, italiano **déictico**, espanhol **deictico**. Por estes modelos, tirou o Prof. Said Ali o nosso **déictico**, que o termo encerra um erro de aportuguesamento, como bem lembrou o Prof. Cândido Jucá (filho), não há dúvida. O ditongo grego **ei**, normalmente, passa a **i** longo em vocábulos portugueses: assim, melhor seria **díctico**, como temos **paradigma** (e não **paradeigma** do grego **paradéigma**).

Esta noçãozinha elemental não escaparia ao Prof. Said Ali, como não escaparia ao excelente grupo francês que traduziu o *Kurzen vergleichender Gram-*

**matik** de Brugmann, isto é, J. Bloch, A. Cuny, A. Ernout, A. Meillet e R. Ca-thiot, todos senhores da língua grega. Pois bem, o alemão **deiktische** (Pronomi-na) está aí representado por **déictique**.

Aliás a transcrição do ditongo grego **ei** por **i** longo não é característica do português nem particularidade das outras línguas românicas: "It therefore became a general European convention that when a new word was adopted from Greek into English or any other modern language, it must be treated as if it had passed through a Latin channel. The Greek **k, ai, e, oi, ou, u**, were transliterated, after Latin example, by **c, ae, i, oe, u, y**, and the aspirated initial **r** by **rh**. In the main, these rules are still adhered to, through there are some exceptions among modern scientific words" (Bradley, **The Making of English**, 1948, pág. 98).

Térmo científico, **déictico** pertence àquela classe de palavras que desobedecem às leis gerais de transcrição dos elementos estrangeiros, irregularidade que o Prof. Said Ali tão bem conheceu quando, entre muitíssimas outras oportunidades, estudou os nomes próprios geográficos. Assim, em que pese a autoridade do Prof. Cândido Jucá (filho), pedimos venia para defender o "descuido de germanista" que, conforme se nos afigurou da leitura das páginas 35 e 36, foi atribuído ao Prof. Said Ali: "Os ingleses, na sua língua não-latina, admitem aquela forma usada por Gray, como em alemão se diz "deiktisch". Mas o Português, língua latina, à latina há de proferir "dictico", pois aquêlê ditongo grego **Ei** se reduz regularmente.

O que fez o mestre brasileiro foi acompanhar o exemplo das demais línguas modernas e de numerosos helenistas, latinistas, romanistas, germanistas, celtistas, etc., que honraram e honram a **lingüística moderna**.

**Q Century Dictionary**, preparado sob as vistas da conhecida autoridade W. D. Whitney, também já pôs em evidência o erro do inglês **deictic**: "The regular analogy would require **dictic** (cf. **apodictic**)". O **New English Dictionary** (N. E. D.) ensinamo-nos: "Deictic — Also **deiktic**. . . The Greek word occurs in Latin medical and rhetorical writers as **dicticos**, which would give **dictic**: but the term is purely academic, and the form **deictic** or **deiktic** is preferred as more distinctly preserving both its spelling and pronunciation the Greek form. Cf. **apodictic, -deictic** (III, 151, s. v., 1933).

A outra questão é a que se refere à pronúncia do nome do Prof. Said Ali. Realmente, o rigor reclamaria Saíd (i acentuado) Áli (paroxítono). Criado, porém, entre colonos alemães de Petrópolis, só muito depois aprenderia a correta pronúncia de seu nome, na língua originária. A notícia certa, mas tardia, nunca lhe fez alterar a tradicional maneira de proferir Said (i átono) Ali (oxítono). Assim era como o mestre pronunciava seu nome, apoiado no hábito familiar e na experiência lingüística. Se o nosso romantismo de tudo emendar prevalesse aqui, teria de prevalecer em numerosíssimos outros casos por amor da coerência. Recairia, sem dúvida, no nome de outro distinto cultor da língua

materna: **Carlos de Laet**. O apelido é holandês; mas, em nossos dias, foge a qualquer correção gráfica ou fonética.

O mestre, interrogado certa vez por nós, não vacilou em repudiar a emenda de que ora falamos e acrescentou-nos que outra não era a prática de Capistrano de Abreu, Casper Branner e todos os seus amigos íntimos.

O Prof. Said Ali aprendeu o árabe já crescido, já professor de alemão. Se, para isto, não bastasse o testemunho dos que ainda vivem e privaram com o autor das **Dificuldades**, vale esta passagem de uma carta de Capistrano a João Lúcio (9-3-1918): "Anda (Said Ali) agora muito enterrado no árabe. Tinha apenas dois anos quando morreu o pai: a mãe, colona renana, que ainda existe, não se interessava pelo assunto, por isso não sabe se o velho era turco de língua ou só de nacionalidade. Também iniciou o estudo do turco que não tem podido continuar por falta de livros: acha fácil" (Corresp. II, 85). Em carta de 12-6-1919, diz Capistrano que o amigo conhecia "regularmente árabe", o que nos leva a estabelecer uma data posterior a 1918 para o início do estudo da língua oriental (Corresp. II, 131).

O alemão e o português, o Prof. Said Ali aprendeu-os ao mesmo tempo, no lar e na escola, respectivamente. A propósito, contava-nos o mestre que certo dia Capistrano o apresentara a um professor de alemão do Pedro II. Conversaram em alemão e depois o autor dos **Capítulos de História Colonial** pedira ao amigo sua opinião sobre os conhecimentos demonstrados pelo Prof. Said Ali no idioma de Goethe. — Ainda guarda certos vestígios do árabe — respondeu o tal professor.

Nunca ocorreu a João Lúcio dúvida sobre a pronúncia do nome do professor, pois, se isto acontecesse, Capistrano comentaria o fato, como fez com o apelido **Calogeras**: "A respeito do nome de Calogeras, posso informar que o nome é grego. João Batista Calogeras, avô do atual político, era natural de Corfu. O nome escrevia-se naturalmente com k, que ele teve o bom senso de transformar em c, o g pronunciava-se y e o acento caía na última sílaba: a pronúncia habitual, porém, no Rio, é Calojeras" (7-8-1918. Corresp. II, 108).

Conservemos, portanto, mais esta lição do mestre inesquecível!

Estamos com Leo Spitzer, investigador dos melhores de nossa época: a homenagem por excelência que se há de prestar a um professor, deve ser a publicação de seus trabalhos, mormente uma seleção daqueles que, devidamente dispostos, nos podem dar uma idéia exata do pensamento do mestre, das contribuições pessoais que o fazem um clássico da matéria. E quando esta seleção acompanha a atividade científica do autor, quando reúne artigos esparsos e de difícil acesso ao comum dos leitores, mais ela se agiganta, mais encarna a maior homenagem prestada a um sábio.

As **Miscelâneas, Mélanges, Festschriften, Studies in honor, Scritti in onore, In memoriam** que enriquecem as bibliografias e são o testemunho sincero da gratidão a mestres competentíssimos, fazem menos por esses mestres que o **Hugo Schuchardt-Brevier**, organizado por Leo Spitzer, em 1922 (há 2.<sup>o</sup> ed. em 1928), pela passagem do 80.<sup>o</sup> aniversário do notável estudioso alemão.

Se **Schuchardt** é um clássico da lingüística e o **Brevier** é um vade-mecum

de lingüística geral, o Prof. Said Ali é um clássico da filologia portuguesa e uma coletânea da natureza do **Brevier**, na sua obra, seria um vade-mecum indispensável ao estudante de nosso idioma.

Em 1938, o Prof. Antenor Nascentes e um grupo de amigos do Prof. Said Ali homenagearam-no com uma interessante e bem organizada **Miscelânea** (nos nossos **Primeiros ensaios** guardamos injusto silêncio de tal publicação). Agora, nas proximidades de seu centenário de nascimento (1961), poderíamos apresentar um **Brevier** sério, erudito, utilíssimo. Na resenha dessa futura obra, alguém poderia, com justiça, repetir as palavras de Meillet sobre o **Hugo-Schuchardt-Brevier**: "Il est sorti de là ce petit livre, savoureux d'un bout à l'autre, où chaque page, chaque ligne donne à penser".

\* \* \*

O Prof. Said Ali nasceu em Petrópolis, aos 21 de outubro de 1861. Faleceu no Distrito Federal, depois de grandes sofrimentos da saúde, em 27 de maio de 1953.

Foi professor de alemão, por concurso, da Escola Militar e do Ginásio Nacional (Pedro II). Trabalhou ainda em vários colégios, regendo as cadeiras de geografia, alemão, francês e inglês. No conflito mundial de 1914-1918, o alemão, que era facultativo, foi abolido, passando o Prof. Said Ali a exercer suas funções na Escola Preparatória e de Tática do Realengo e, posteriormente, na Escola do Estado-Maior afastando-se da Escola Militar. Nos novos lugares, trabalhou na tradução de textos militares escritos em alemão.

Além de estudioso de língua portuguesa, o Prof. Said Ali foi grande batalhador para a introdução dos modernos métodos de ensino de línguas estrangeiras. Um ligeiro manusear dos prefácios aos compêndios de francês (Plötz, Kühn, Rossman e Schmidt), inglês (Hausknecht) e alemão serve para caracterizar os propósitos do autor.

Ainda nesta seara, cumpre-nos acrescentar que, em 1895, comissionado pelo Governo, foi a Europa estudar a organização do ensino secundário, principalmente os métodos de ensino das línguas vivas, e daí surgiu um substancial e interessante **Relatório** apresentado ao Ministério da Justiça e Negócios Interiores (Rio, 1896). Sobre ensino, proferiu, no Pedagogium, uma conferência: **Metodologia e ensino** (Revista do Pedagogium, maio de 1896).

Seu **Compêndio de Geografia Elementar** (1905) procura acompanhar o progresso por que vinha passando a disciplina na Europa, mormente com o compêndio escolar de Supan. A amizade de Capistrano também deve ter sido aqui providencial.

O **Compêndio** inaugura entre nós uma divisão racional das regiões brasileiras, conciliando, tanto quanto possível, as afinidades econômicas dos Estados com as condições geográficas (cf. **Compêndio**, pág. 136).

Para a **Biblioteca do Ensino Intuitivo** traduziu, em 1895, as **Primeiras Noções sobre as Ciências** de T. Huxley. Disse-nos o mestre que traduziu ainda a **Geologia** de A. Geikie. Nunca vimos, porém, tal volume com o nome do Prof. Said Ali. A referida **Biblioteca** possui a obra traduzida por C. Jansen. Embora corra com o nome de outro um trabalho **que é do mestre** (êle nos pedia guardá-

semos silêncio do pseudônimo), chegamos à conclusão de que o trabalho pertence mesmo a Jansen. Resta-nos a hipótese de um engano do mestre, o que é difícilimo, levando-se em conta sua prodigiosa memória, ainda nos últimos dias de vida.

Ainda no ano de 1895 a benemerita livraria **Laemmert** inicia uma coleção popular de poetas patricios. O Prof. Said Ali prepara, neste ano, as **Obras Completas** de Casimiro de Abreu; em 1896, as **Poesias de Gonçalves Dias** e em 1898 as **Obras Completas de Castro Alves**. Não apareceu um volume planejado sobre Álvares de Azevedo.

Além das publicações até aqui enumeradas, o Prof. Said Ali escreveu vários trabalhos, esparsos pelos principais jornais do Rio (uns já desaparecidos) e na **Revista de Cultura**. Um dos seus últimos estudos foi **Há dias que**, saído no vol. II de **Studia**, revista do Colégio Pedro II.

Tudo o que saiu de sua pena deve ser lido atentamente, pois sempre há o reflexo de uma inteligência brilhante e original. Dê-lo podemos dizer o que Gillièron aplicou a Schuchardt: "il n'est pas de ceux qu'on lit en chemin de fer et a la vapeur" (**Brevier**, 3).

Possuidor de uma cultura polimorfa, era leitor assíduo da Enciclopédia de Brehm, a **Vida dos Animais**, e, na sua casa na Estrada da Saudade, em Petrópolis, estudou a vida das formigas. Desta e doutras experiências reunia material para escrever um trabalho sobre inteligência dos animais, que, infelizmente, jamais apareceria.

Era amante da música e da pintura e para ambas dava prova de real aptidão.

Por tudo isto, mestre Said Ali se agiganta aos nossos olhos como exemplo de patriota e valente batalhador intelectual, missões sempre difíceis.

E maior será o nosso respeito se verificarmos que esta prodigiosa atividade foi sempre perseguida por um estado de saúde que recomendaria descanso. Sobre tal ponto são interessantes algumas passagens da **Correspondência de Capistrano**, das quais lembraremos: "Said Ali andou com umas vertigens, pensou em morrer e já tinha dito à senhora que me entregasse os originais (da **Lexeologia**) para eu editar.

Felizmente ontem, achei-o melhor disposto. Pelo que me disse, a primeira parte, correspondente ao Nunes, está quase concluída e só precisa de revisão" (II, 172).

Muita de razão cabia a Capistrano quando declarou em carta a João Lúcio: "Não conheço ninguém de mais juízo que Said Ali. Agora, terminadas as três gramáticas, pode gozar do descanso (sic) valentemente conquistado" (II, 284).

O recanto da Estrada da Saudade, lugar de seu nascimento, lhe era de particular carinho, segundo se conclui desta passagem da **Correspondência de Capistrano de Abreu**: "Ontem estive em Petrópolis com Fernando Gabaglia para visitar Said Ali. No próprio lugar em que nasceu, fez uma casa artística, realizando um sonho de mocidade" (II, 475).